

COMETERRA



DOLORES REYES COMETERRA

Tradução de Elisa Menezes



À memória de Melina Romero e Araceli Ramos.

Às vítimas de feminicídio, às suas sobreviventes.

tu que só tens palavras doces para os mortos
Leopoldo María Panero

Ninguém sabe o que pode um corpo.
Baruch Spinoza

– Os mortos não ficam com os vivos. Você precisa entender.

– Não me interessa. Mamãe fica aqui, na minha casa, na terra.

– Já chega. Está todo mundo esperando.

Se não me ouvirem, engulo terra.

Antes engolia por mim, pela raiva, porque os incomodava e sentiam vergonha. Diziam que a terra é suja, que a minha barriga ia inchar feito um sapo.

– Levanta logo. Vai se lavar um pouco.

Depois comecei a comer terra por outros que queriam falar. Outros que já se foram.

– O cemitério serve para quê? Para enterrar as pessoas. Se veste.

– Eu não ligo para as pessoas. Mamãe é minha. Mamãe fica.

– Você parece um bicho. Nem penteou o cabelo.

Olho para o cômodo, as paredes de madeira que mamãe queria cobrir por dentro com tijolos. As chapas do telhado, tão altas, cinza. O chão, minha cama e o canto do quarto onde ela se deitava para dormir quando o velho ficava de ovo virado.

“Ninguém vai ficar nesse canto”, penso, e cubro a cabeça com o travesseiro. Mamãe me penteava, mamãe cortava meu cabelo.

– Você quer ir arrastada? Para de ser criança. Você devia ter vergonha de fazer manha hoje.

Eu me levanto de um pulo, o cabelo cobre quase toda a minha regata, uma cortina que chega a raspar a calcinha. Me agacho. Procuro os tênis, a calça de ontem que deve

estar jogada por aí. E guardo as lágrimas para mim, e tudo o que sobra é uma fúria que parece me paralisar.

Para ir ao banheiro tenho que sair do quarto. Passar por pessoas que rondam minha casa feito moscas. Vizinhos intrometidos, que fumam e falam bobagens.

O Walter deve ter se rebelado. Ninguém o tira daqui.

Nunca mais mamãe e eu.

Visto a calça, coloco a regata para dentro. Abotoo, subo o fecho, os olhos cravados na minha tia. Vamos ver se ela para um pouco de me encher o saco.

Se me levanto, se saio do quarto e caminho atrás dessas mãos que carregam o corpo no tecido, é porque estou farta. Porque quero que eles saiam de uma vez.

O Walter não quer vir.

Não quer vê-la em silêncio cair no buraco aberto no cemitério, nos fundos, onde ficam os túmulos dos pobres. Nem lápides, nem bronzes. Antes do canavial, uma boca seca que a engole. A terra, aberta como um corte. E eu tentando detê-la, fazendo força com meus braços, com esse corpo que nem chega a cobrir a largura do poço. Mesmo assim mamãe cai.

Minha força é pouca, não muda nada.

A terra a envolve como os golpes do velho e eu colada ao chão, perto como sempre desse corpo que é arrancado de mim como num assalto.

Enquanto isso, as vozes rezam.

Para quê? Se no final resta apenas a terra remexida.

Nunca mais mamãe e eu.

Entra. Eles a cobrem. Orelha na terra, espio. Ainda consigo respirar. Achei que não, que minhas costelas estavam afundando e arranhando meus pulmões.

Guardo o som desse lugar em meus pesadelos, um desperdício de dor e pestilência.

Até o sol me confunde, sangrando a minha pele quente. E os olhos ardendo, como se alguém tivesse derramado ácido em mim, lutam para não chorar.

Um amarelo-lixo, febre, ou um cinza, cinza-chapa, a dor cinza-doente. Só a dor parece nunca morrer.

Vão te deixar aqui, mamãe, todos, apesar de eu não querer. Apesar das minhas mãos não deixarem, você vai ficar.

Não há muito o que eu possa fazer, apenas engolir a terra deste lugar, e que a terra desconhecida de um cemitério em que jamais pisamos, mamãe ou eu, não seja mais uma inimiga.

Ela fica aqui e eu levo um pouco desta terra em mim, para saber, às escuras, meus sonhos.

Fecho os olhos para apoiar as mãos na terra que acaba de te cobrir, mamãe, e tudo fica escuro para mim. Fecho os punhos, agarro e a levo à boca. A força da terra que te devora é escura e tem gosto de tronco de árvore. Eu gosto, ela me mostra, me faz ver.

Amanheceu? Não. É o sol que queima meus olhos e a pele.

A terra parece me envenenar.

Eles dizem:

– Levanta, Cometera, levanta de uma vez. Solta, deixa ela ir.

Mas eu mantenho os olhos fechados. Luto contra o nojo de engolir mais terra. Não consigo, não vou embora sem ver, sem saber.

Alguém diz:

– Eles não têm grana nem para o paletó de madeira?

E me obriga a abrir os olhos.

Mamãe, você vai para o buraco em um pano que é quase um trapo.

Quem vai falar comigo agora? Sem você não sou nada, não quero ser. A terra vai falar comigo? Ela já fez isso:

Bateram nela. Vejo as pancadas apesar de não as sentir. A fúria dos punhos afundando na carne como poços. Vejo meu pai, mãos iguais às minhas, braços fortes para aquele punho que físgou seu coração e sua carne como um anzol. E algo, como um rio, que começa a ir embora.

Morrer, mamãe, e se separar de nós dois ainda jovem.

– Levanta, Cometera, levanta de uma vez. Solta, deixa ela ir.

PRIMEIRA PARTE

O Walter foi bom, diferente da tia. Ele se sentava na minha cama, ouvia, falava pouco. Não se irritava quando às vezes eu pegava o travesseiro e dormia no chão, embaixo da cama, como se as ripas e o colchão fossem o teto de uma casa só para o meu corpo. Ficava ali, horas comigo. Esperando.

Eu ouvia os barulhos da casa, crescia.

Às vezes meu irmão perguntava pelo papai. “O velho”, dizia ele. Queria saber se ele tinha vindo, se eu havia cruzado com ele de novo.

– Não sei nada do papai. Pergunto à terra?

– Não – dizia sempre o Walter –, vai te fazer mal.

Uma tarde esperei a tia ir comprar alguma coisa para comer e saí. Procurei o Walter no quarto ao lado. Tinham tirado a cama de casal.

“Estou sozinha – pensei. – E se o Walter e a tia não voltarem mais?”

Fui até a cozinha e abri uma lata de ervilhas. Tive pena de desperdiçá-las, então esvaziei a lata em cima da mesa. Um líquido viscoso foi se espalhando a partir do montinho central. Senti vontade de comer, mas não. Precisava da barriga vazia. Fui pegar uma faca e quando abri a gaveta vi o abridor de garrafas do meu velho.

Para perguntar à terra precisava de alguma coisa dele, e minha tia e o Walter o foram apagando da casa e da minha vida. Nem a cama tinham deixado. Peguei o abridor na gaveta e fiquei olhando para ele. Então, feliz como se tivesse um tesouro, guardei-o no bolso do short.

Saí de casa, descalça, os cabelos soltos, o abridor de garrafas em um bolso, a lata vazia em uma das mãos e a faca na outra.

Eu me sentei no terreno, passei a mão pela terra, finquei a faca e puxei. Gostei. Finquei a faca de novo, mas desta vez não a puxei, tentei girá-la, ir abrindo e soltando a terra aos poucos. A terra é forte, mas me deixou. Quando começou a se abrir, apoiei a mão e a fechei. Terra dentro do meu punho. Coloquei-a em cima do short. Fui juntando a terra ali, enquanto a afofava com a faca e a mão. Depois tirei do bolso o abridor do meu velho e o enfiei no buraco. Coloquei-o em pé, no centro, e fui devolvendo a terra aos punhados até cobrir bem. Limpei as mãos no short e nas pernas.

Sentada, meu cabelo ia até o chão. Tinha a cor daquele solo em que vivia.

Queria que aparecesse alguma coisa, nem que fosse um inseto, para me fazer companhia, mas isso não aconteceu. Esperei assim mesmo, olhando para as mãos, as pernas e a faca. Depois peguei tudo, terra e abridor de garrafas, e pensei na última vez em que tinha visto meu velho abrindo uma cerveja.

Pensar nisso me doeu. Com raiva, enfiei tudo na lata.

Fiquei de pé e fui para dentro. Uma parte do caldo das ervilhas tinha escorrido até o chão. Puxei uma cadeira e me sentei. Estava com a lata em uma das mãos e a outra com a palma aberta para cima. Quis esvaziar um pouco de terra na mão aberta mas foi tudo junto, terra e abridor. Uma parte da terra escapuliu para o chão. Levei o resto até a boca e comi com toda a vontade que tinha de ver o meu pai de novo. Enchia a língua, fechava a boca e tentava engolir. Sentia que a terra deixava de ser uma coisa na minha mão para ser algo

vivo, terra amiga em mim, e continuei comendo. Quando não havia mais nada, sobrou o abridor de garrafas. Passei a língua nele até deixá-lo limpo.

E quando minha barriga ficou pesada de terra, fechei os olhos.

– Papai está vivo – disse depois ao Walter e à tia, quando os vi parados olhando para mim. Pensei que fossem ficar contentes, mas não. Ficaram mudos. Parecia que estavam congelados. Eu saí correndo e abracei o Walter.

– Que merda você fez, sua idiota? – disse minha tia me agarrando pelo braço para me separar do meu irmão.

– Walter, papai está vivo – repeti enquanto ela me puxava para trás.

Meu irmão se aproximou de mim outra vez e me pegou pela mão. Me levou até o banheiro, lavou as minhas pernas com uma esponja, deixou a torneira aberta. Enquanto limpava os meus braços e mãos, o Walter me fez prometer que nunca mais comeria terra.

Quando prometi, meu irmão fez um carinho na minha cabeça. Não sabia se ele estava mais alto ou se era eu que assim, com a mão dele em cima, ficava menor.

– Agora escova os dentes – disse ele antes de me deixar sozinha no banheiro.

Eu me olhei no espelho e sorri: meus dentes estavam sujos de barro. Lembrei-me do papai fumando seus cigarros, do cheiro e da escuridão em sua boca, e pensei que eles queriam esquecê-lo e que talvez fosse melhor mesmo. Abri a torneira outra vez, enfiei a escova embaixo da água, coloquei um pouco de pasta, molhei tudo e comecei a escovar os dentes.

Voltei para a cozinha e quis fazer uma última tentativa:

– Seu irmão está vivo.

A tia se virou e olhou para mim furiosa. Tirou o maço de cigarros do bolso do jeans.

– Sua imunda. Se eu te pegar comendo terra de novo queimo a sua língua com o isqueiro.

Fiquei tão assustada que por um tempo não quis nem pisar na terra, por isso evitava sair descalça. Quando sentia vontade de comer terra, mandava para dentro a comida bem quente, do jeito que a tia a tirava do fogo. Não esperava. Enchia a boca e sentia a pele do céu da boca se encher de bolhas. A língua queimando me obrigava a tomar um copo de água atrás do outro. Enchia a barriga e a vontade de comer terra passava. No dia seguinte, mal comia, mal conseguia falar.

Com o tempo, pararam de nos sacanear. Nada mais de terra dentro da minha mochila sujando os cadernos, acompanhada de risos abafados. Nem papéis de alfajores, daqueles que eu queria comprar e não podia, recheados de terra em cima da minha cadeira. Apenas alguns olhares de vez em quando, e muito silêncio.

E, sem a terra, ficou tudo bem.

Até que a professora Ana não veio mais.

Procuraram por ela, disseram, atrás do canavial.

Eu não.

Eu olhava para o canto do pátio onde ela parava para ver o Walter e os outros garotos jogando futebol. Ela não queria nenhum dos pirralhos subindo na árvore dos fundos porque poderia cair.

Eu esperei.

E quando a polícia parou de procurá-la entre o mato e as casinhas, perto do córrego, eu a procurei na beira do pátio, na terra onde ela pisava suas lindas botas para nos ver brincar.

Eu não sentia mais o impulso e não sabia se ainda conseguia ver, mas passava as mãos pela terra pensando que ela não aparecia. Não queria perdê-la. Pensava na professora Ana viva. Na professora Ana rindo. Então cerrei o punho tentando fazer com que algo dela entrasse em minha mão, em minha boca.

Apesar de todo mundo dizer que o jaleco branco era lindo, para mim sempre foi uma merda. Sujava. O meu estava cheio de terra perto dos punhos. O colarinho e a parte da frente ficaram um nojo.

Na volta para casa, pensei na tia fumando e em seus isqueiros. Quando cheguei, tirei o jaleco, o enrolei e o escondi entre as plantas. Disse à tia que o havia perdido na escola, que fui obrigada a tirá-lo para a aula de educação física.

– Olha, garota, eu estou perdendo a paciência – respondeu. – Vim cuidar de vocês porque a sua velha morreu, porque meu irmão não está, mas vocês não me ouvem.

Ela continuou cozinhando no fogão e eu já não sabia se estava falando comigo ou com ela mesma:

– Não gosto de crianças, nunca tive nenhuma.

Fui para a mesa esperando que ela esquecesse e não a ouvi mais. Pouco depois o Walter chegou e se sentou comigo. O Walter, quando estava cansado, se esparramava com as pernas abertas.

A tia veio do fogão com uma panela.

– Vai pegar os pratos – disse ela ao Walter. – E você, três copos e três garfos.

Quando nós íamos nos levantar a tia colocou a mão no meu pulso e disse:

– Dá próxima vez que não me obedecerem, já era, entenderam?

– Aquela lá, sentada ao lado da janela desenhando, deve vir comigo – disse o bedel no dia seguinte na escola. Tinham mandado me chamar. Eu sequer falei com ele. Sabia que estava encrencada. Peguei o desenho com as duas mãos e o segui até a diretoria. Todos olhavam para mim.

Minha tia estava lá. Não fazia ideia de nada. Tinha ido reclamar por causa do jaleco perdido.

– O que foi? – perguntei. – Por que está me olhando assim?

Essa é última vez que me lembro dela olhando para mim porque, quando viram o desenho, ela e a diretora se esqueceram de mim.

Era a professora Ana, o rosto dela assim, do jeito que eu lembrava, mas não como quando ela estava na escola. Eu a havia desenhado como a terra me mostrou: nua, com as pernas abertas e meio dobradas para os lados, o que fazia seu corpo parecer menor, como se fosse um sapinho. E as mãos

para trás, amarradas a um dos postes do galpão onde umas letras pintadas em uma placa diziam “Depósito Panda”.

– Que merda você tem na cabeça para comer terra na frente da escola toda? – disse minha tia depois, em casa, antes de me dar um tabefe.

Quando o corpo da professora Ana foi encontrado no dia seguinte no terreno do Depósito Panda, a tia foi embora. Nunca mais o Walter e eu tivemos notícias dela.

Eu não ia mais à escola.

Éramos o Walter, seus amigos, que entravam e saíam, e eu.

Eu passava metade do dia jogada na cama ou no sofá que ficava perto da porta. Meu irmão tinha arrumado um trapo numa oficina mecânica. Às vezes, quando ele saía para trabalhar, eu estava deitada no sofá. Quando ele voltava eu continuava lá, olhando para a ponta dos pés.

Pensando: “Por que eu, terra?”.

O Walter nunca me dizia nada. Ao meio-dia trazia alguma coisa para comermos juntos e saía de novo para a oficina. Ele estava preocupado porque eu tinha largado a escola, mas não podia fazer nada além de se preocupar. Metade dos garotos do bairro tinham largado também. Mas eu nem trabalhava nem tinha engravidado. Não fazia nada além de ficar jogada e varrer um pouco a casa para evitar que algo, não sei o quê, a invadisse.

Os únicos que nos visitavam eram os amigos do Walter. Depois de cinco meses de trabalho, meu irmão comprou um PlayStation e todos os fins de semana eram um festival: amigos, PlayStation e pizza. Tevê nós já tínhamos, mas haviam cortado o cabo. Nós nunca mais o ligamos, então ela só servia para jogar.

Eles só tinham uma preocupação: o futebol. Quando tinha jogo os garotos iam para casa do Hernán e eu ficava sozinha. Hernán era o único amigo do meu irmão que me dava bola. Começou a trazer música para mim, CDs piratas que ele colocava no próprio PlayStation. Eu dizia “oi” e “obriga-

da”, não muito mais, e ele, umas duas vezes, me disse: “Com música você nunca está sozinha”.

Eu tinha dificuldade para dormir. Por não fazer nada, acabava cochilando várias vezes durante o dia e depois, à noite, olhos abertos, ficava rolando de um lado para o outro, pensando.

Comecei a pegar cervejas da geladeira, abrir e beber. Eu tinha guardado o abridor de garrafas do meu velho – a única coisa que me restava dele – e sempre o carregava em algum bolso. A cerveja era como o abraço de uma manta grossa que me cobria inteira, sobretudo a cabeça.

Eu só via o velho em sonhos. Acordava e não voltava a dormir, então ouvia até o fim toda a música que deixavam para mim. Havia uma pilha de doze CDs. A metade dizia “coletânea” e tinha alguma garota de fio-dental na capa. Eu ficava olhando para essas capas, mas metia no PlayStation algum dos outros CDs. Gostava mais deles. Quando a cerveja acabava, a música continuava e eu adormecia.

O Walter não se dava conta porque eu nunca bebia com eles. Mas numa manhã ele me encontrou dormindo com duas garrafas vazias ao pé do sofá. Meu irmão não ficou bravo.

– Estou te deixando sozinha – disse, e se sentou comigo. Minha cabeça doía como se fosse explodir.

Quando ele me acordou, eu ainda sentia a tontura, que me obrigou a medir cada passo até o banheiro, e a vontade de vomitar, que estrangulava o meu estômago.

Ficamos conversando por um tempo. Ele me contou o que tinha feito na noite anterior e eu senti que não tinha nada para contar, mas gostava de o Walter estar lá comigo.

Eu não tinha uma família, eu tinha o Walter.

Ficamos umas duas horas no sofá até que ouvimos palmas. Alguém estava chamando na grade dos fundos do terreno. Não dava para enxergar direito, então nós dois saímos. Fazia tempo que eu não andava descalça do lado de fora. Sentir o frio e a umidade da terra em meus pés me fez mais bem do que lavar a cara cem vezes.

Quando nos aproximamos dela, a mulher que tinha batido palmas falou:

– Eu vim pedir.

Meu irmão e eu nos entreolhamos e eu senti a cabeça explodir de novo, como se aquela voz fosse mais uma bebida. Nenhum de nós dois reagia e ela não parecia disposta a ir embora. A mulher usava roupas elegantes.

– Abre – disse ao Walter, e meu irmão passou na minha frente para abrir o cadeado.

– Pedir o quê? – perguntei à mulher quando ela entrou.

– Ajuda. Vim pedir a sua ajuda.

Entramos. A casa estava um nojo. Parecia a toca de algum bicho de tão escura, mas a mulher só tinha olhos para mim. Ela se sentou, sem falar. Estava esperando, como se estar ali, sentada perto de nós, fosse uma parte importante do que viera fazer.

Quando meu irmão foi até a cozinha esquentar a chaleira para o mate, ela me perguntou:

– Você adivinha?

Falou baixinho, como se fosse um segredo.

– Não.

– Não mente para mim. Você adivinha?!

“Que velha chata!”, pensei. Não me agradava, mas a pergunta dela me obrigou a pensar em mim. Eu nunca tinha pensado que o que eu fazia era adivinhar. Adivinhar era algo

estranho, como acreditar que podia acertar o número da loteria. Nada a ver com fechar os olhos e ficar diante de um corpo nu na terra.

– Não. Antes eu via, mas agora não.

– Tentou recentemente?

Como o Walter tinha acabado de voltar, não respondi. Como é que ela sabia da gente? Mas a sujeita não calava a boca. Dizia que precisava da nossa ajuda, que tinha ouvido falar que aqui, na casa, morava alguém que conseguia ver, que ela tinha dinheiro e estava disposta a pagar bem.

– Não precisamos de dinheiro – respondi.

– Mas eu preciso de você.

Hernán entrou empurrando a porta. Não tínhamos colocado o cadeado de volta no portão e ele foi entrando. Trazia um CD novo. Fiquei em pânico pensando se ele tinha ouvido a mulher falar em adivinhação.

Fiquei paralisada e o Walter, como se sentisse o mesmo, mandou-a embora.

Antes de ir, a mulher se agachou, colocou de pé as duas garrafas vazias que estavam jogadas ao lado do sofá e disse:

– Menina, se você engole toda essa porcaria sem motivo, será que não pode comer um pouco de terra porque alguém precisa?

Tive vontade de quebrar a cara dela, mas não me mexi. Para o Hernán eu não quis nem olhar. Enquanto observava a mulher cruzar o terreno para ir embora, respirei fundo e fui soltando todo o ar, devagar, e fiquei vazia. Quando o Walter colocou o cadeado no portão outra vez, respirei.

Hernán colocou o CD no PlayStation. A música começou a tocar.